



# SEJA CANIBAL – SEJA HERÓI

**Juliana Gontijo**

Juliana Gontijo é artista visual, formada pela Escola de Belas Artes da UFMG e se dedica à produção artística e cultural em Belo Horizonte. Os trabalhos apresentados nesta edição fizeram parte da exposição “RADICAL -TERRA”, realizada em 2016 no Sesiminas e tratam das diversidades de perspectivas da relação entre o humano e a terra.



### VORAZES APRECIADORES DE TERRA

*seja canibal / seja herói*  
Juliana Gontijo - Março de 2016

Alguns se admiram com o fato de que existem pessoas que revelam o desejo por comer terra.

A geofagia é comum não somente entre os humanos, mas também entre outras espécies animais. Ela parte de uma necessidade corporal e incorporal. Alguns povos a praticam pensando que, assim, podem adquirir as habilidades, força e fertilidade da terra que comem.

Os vorazes apreciadores de terra, portanto, trazem consigo a vontade capaz de engendrar o devir terra.

Devir terra é alcançar a humanidade da terra. Conseguir reconhecer sua fala, sua escrita. E mais do que se comunicar com a terra, é ser terra.

Há três tipos de apreciadores de terra que me são difíceis de entender e o quarto eu ignoro completamente: os devoradores, os exploradores, os autófagos e os canibais.

Os Devoradores:

O devorador acredita que todo saber é posicional, aparentemente seu objetivo final é a eliminação da diversidade de apreciadores de terra. Para isso ele se alimenta do território

de indivíduos da mesma espécie utilizando uma ferramenta muito eficiente chamada opressão.

A opressão pode ser utilizada para retirar de um povo o seu referencial de espaço e conseqüentemente de identidade. Dessa maneira, desnortado, o povo se vê obrigado a submeter-se às vontades do opressor – devorador – dando-lhe sua força de trabalho, abdicando de suas tradições e cedendo-lhe seu território de ocupação. Essa ferramenta também pode ser usada pela ciência quando o devorador opera as diferenças como instrumentos de obtenção de classificações, naturalizando a inferioridade por meio de uma hierarquia epistêmica, que coincide com as estruturas biológicas intraespecíficas.

O devorador, portanto, consome a terra a fim de produzir o monopólio de seu consumo.

Os Exploradores:

O explorador vê na terra e na natureza, de maneira geral, algo que está fora de si. A partir desse parâmetro ele acredita que a terra é uma fonte de recursos para se produzir instrumentos necessários para a vida. Sua apreciação, portanto, parte de projeção da imagem do produto que pode ser gerado a partir da terra. Para isso o explorador a estuda, abre buracos e retira minerais e outros elementos que considera importantes para a realização de seus projetos.

No percurso da humanidade, o explorador sempre encontrou discursos que justificaram suas ações. Um dos grandes discursos é a teoria demográfica malthusiana. Segundo Malthus a população mundial cresceria em progressão geométrica e a produção de alimentos cresceria em progressão aritmética. Essa teoria causou grande alarde e o medo de que as populações pudessem passar fome foi a grande justificativa para que o explorador realizasse sua tarefa.

A partir de um dado momento surgiram discursos contrários a sua atuação junto a terra, mas nesse momento, os instrumentos produzidos por ele já eram considerados necessários para a vida da sociedade em que atuavam, tornando cada vez mais difícil a diminuição produtiva desse explorador. Há também outro discurso contrário aos exploradores, o de populações que não necessitam de suas ferramentas. Para Davi Kopenawa “Os brancos não entendem que, ao arrancar minérios da terra, eles espalham um veneno que invade o mundo e que, desse modo, ele acabará morrendo”.

Quando essa sociedade se vê sentada sobre os escombros dos exploradores, percebe que nem todos os instrumentos são necessários e, aliás, produz-se mais instrumentos do que se consome.

O explorador portanto, consome a terra a fim de produzir riqueza e conseqüentemente, pobreza.

Os Autófagos:

O autófago só pode conceber a existência da terra a partir do momento em que ele dá sentido para a terra, e assim ele age com todas as coisas. Se ele não dá sentido para a coisa ela não existe.

É dessa maneira que o autófago aprecia a terra, criando discursos que expliquem de maneira científica, ou seja, sistemática, o surgimento da terra, suas possíveis nomenclaturas, suas camadas e suas tendências de movimentos. Em sua apreciação o ponto mais importante sempre será a lógica.

A ciência é uma criação do autófago, se o autófago precisa se alimentar da ciência para conceber a existência da terra, todo seu discurso será, no fim, sobre ele mesmo, e não sobre a terra.

O autófago, portanto, consome a si mesmo a fim de produzir terra e conseqüentemente a si mesmo.

Os canibais: